



Jackson Buonocore

Sociólogo, psicanalista e escritor
buonocorejcb@gmail.com

Os pecados capitais na era digital

São Tomás de Aquino revisou os sete pecados capitais, e a psicologia junguiana alertou que eles despertam em nós emoções violentas. Hoje, assistimos nas redes sociais ao comportamento digital desses pecados sob uma nova roupagem, a qual revela nossos instintos primitivos.

As pessoas iradas causam hostilidades por onde passam. Esse desequilíbrio faz uso da ira para se defender de seus próprios fantasmas, postando fúria em memes, vídeos e mensagens.

A gula reflete a fuga de uma fase oral mal resolvida: o que vemos nas

redes são pratos com fartura excessiva, vício que atrofia a mente e o corpo, incitando a comer mais.

A preguiça torna os indivíduos empedernidos. Eles desprezam as soluções dos problemas e expõem um traço distímico nas mídias sociais.

A luxúria libera o furor do desejo sexual, no qual corpos seminus exibem suas pulsões libidinosas nas plataformas digitais.

O delírio dos avaros desmascara sua miséria moral: lucram com a ostentação e a ruína de famílias e países, enquanto os algoritmos exibem isso como

um exemplo de sucesso e de riqueza.

A inveja envenena tudo o que é bom, sendo uma das emoções mais baixas, porém, uma das que ganham mais curtidas.

A soberba odeia a transparência: líderes mantêm uma relação umbilical com a arrogância e não escondem a sua petulância na Internet.

Portanto, os pecados capitais agitam nossa era digital. Contudo, podemos aplacá-los por meio da prudência, da justiça, da fortaleza e da temperança — um grande legado teológico e filosófico.

Promotor de Justiça aposentado
ivar4hartmann@gmail.com



Ivar Hartmann

Não há bem que sempre dure

Nem mal que nunca acabe. Qual leitor não conhece a frase? Pois é. Nosso STF, ao longo das décadas, berço de tantos ilustres homens públicos, pessoas ilibadas que construíram uma vida defendendo o direito, era uma plêiade de advogados brasileiros, que viam na figura de um ministro da Suprema Corte o final de sua carreira jurídica.

Aos poucos, sucessivos Presidentes da República transformaram o STF em uma Tropa de Elite, pessoas voltadas a resolver, via Judiciário, todas as pendências políticas e penais de quem os indicou. Estão aí os exemplos dos dois

últimos presidentes, saído de trás das grades ou para ela enviado, por obra desta Tropa de Elite.

Na atualidade, ninguém teve tanta força no Brasil quanto o ministro Alexandre de Moraes, face ao medo de senadores, deputados e OAB. Ele era denunciante, promotor e juiz. Até o mais leigo dos brasileiros, sentia que havia exorbitância de poder por parte dele. Ligado à esquerda, aprovado pelo beneplácito do Senado, em um crescendo, tomou as notícias dos jornais por suas ações, que justificava como “garantias da democracia”.

Até que surgiu um banqueiro envolvido com uma corrupção gigantesca, mesmo para os padrões do Brasil, e que o sistema bancário brasileiro permitiu. A partir daí, aproveitando o escritório de advocacia da esposa, com as vistas grossas do Procurador da República e a solidariedade de congressistas, resolveu também usar sua força, que era do mal, como uma força do bem! Bem para si e sua família.... Somente um contrato entre o banqueiro e sua mulher lhe garantiu mais lucro que o leitor nunca imaginou ter.

Mas, não há bem que sempre dure....



D. João Francisco Salm

Bispo de Novo Hamburgo
domjfsalm@diocesenh.org.br

Viver num mundo regido pela bondade

Em seus ensinamentos, Jesus muitas vezes serviu-se do simbolismo da vinha para, por meio de parábolas, falar do Reino. A vinha simboliza muito bem o Reino dos Céus, o projeto pensado por Deus para o mundo, para nós, que somos como uma vinha, a vinha guardada e tão amada pelo Deus agricultor.

Nós somos ao mesmo tempo a vinha, o mundo novo que está para nascer e os operários da vinha que colaboram com Deus para que seus planos se tornem realidade. É admirável a confiança que Deus deposita em nós ao entregar o seu sonho nas nossas mãos, para

que o construamos juntos.

Deus é cheio de generosidade, vem à nossa procura sem nunca se cansar, do alvorecer até à noite! E na hora do pagamento começa pelos últimos, dando-lhes o mesmo que aos primeiros!

Deus em quem nós cremos, revelado por Jesus, é bom, não um senhor insensível. Não é um administrador calculista, porque um Deus assim não converteria ninguém. É completamente diferente: é o Deus da bondade sem razões, ou simplesmente porque é bom. Com seu agir próprio, torna surpreendentes as relações normais. É, portan-

to, um Deus que continua a saber saciar-nos de surpresas.

Os operários que trabalhavam desde a manhã murmuram e ficam tristes. Dizem: “Não é justo”. Pensam que tudo se deve ao trabalho, ao esforço, aos méritos, e não conseguem entender que foram lançados numa aventura desconhecida: a aventura da bondade. Viver num mundo regido pela bondade.

Deus não seguiu a lógica da mera justiça, como queriam os operários da primeira hora, porque simplesmente deseja nos dar mais: quer garantir vida, salvar da fome, alargar o futuro.

Cezar Miola

Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado e vice-presidente da Atricon



Avanços que ainda não alcançam a todos

Aos 10 anos, Jeremy Nasareal Marcano deixou a Venezuela com a família. Lá, contou ao Grupo Sinos, a preocupação era ter o que comer. Em Novo Hamburgo, o convite de um amigo o levou ao Projeto Futsal Social. Aos 16, por meio da iniciativa, conquistou uma bolsa na Escola de Aplicação Feevale. O adolescente tímido, que ainda enfrentava a barreira do idioma, passou a participar de projetos, apresentar trabalhos, obter boas notas e vislumbrar a universidade. Sua história traduz o poder da educação quando o jovem encontra uma oportunidade: ela não muda apenas um destino; amplia o horizonte da família e da comunidade.

O RS precisa fazer com que trajetórias como essa deixem de depender de encontros fortuitos. Os resultados mais recentes mostram avanços que devem ser reconhecidos. Na rede estadual, o Ideb do ensino médio passou de 3,9, em 2023, para 4,7, em 2025. Estudo do Todos Pela Educação identificou melhora real da aprendizagem e recomendou a continuidade das políticas que produziram esse resultado.

Mas o progresso não autoriza acomodação. O primeiro grande problema aparece no início da trajetória escolar. Conforme as últimas avaliações, apenas 52% dos estudantes da rede pública gaúcha estavam alfabetizados ao fim do 2º ano em 2025 (um dos três piores desempenhos entre todos os Estados e o DF). O índice cresceu em relação aos 45% de 2024, mas permaneceu 17 pontos percentuais abaixo da meta de 69%. Em outras palavras, quase metade das crianças termina a etapa decisiva da alfabetização sem alcançar o nível esperado. Além de se ter aí uma espécie de “incubadora” da evasão e do abandono, sem essa base as dificuldades se acumulam e acompanham o estudante por toda a vida escolar, alimentando o analfabetismo funcional.

O segundo problema surge com nitidez na outra ponta. Em 2025, somente 13,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio público alcançaram aprendizagem adequada em Matemática. Em Língua Portuguesa, foram 49,7%. A aprovação e o Ideb cresceram, mas concluir essa etapa não pode significar receber um certificado sem os conhecimentos necessários para ingressar na universidade, aprender uma profissão e exercer plenamente a cidadania.

As propostas eleitorais dos candidatos ao governo do Estado apontam caminhos: escola em tempo integral; incentivos por desempenho à expansão do ensino técnico; integração entre ensino médio, empreendedorismo e qualificação técnica; e aplicação imediata do piso constitucional de 25% das receitas na manutenção e desenvolvimento do ensino.

São direções relevantes, mas ainda insuficientes se não tivermos a definição de metas, prazos, recursos e mecanismos de acompanhamento. O próximo governo precisa assumir um pacto objetivo: atuar pela alfabetização de todas as crianças na idade certa; recompor a aprendizagem, sobretudo em Matemática; apoiar e valorizar professores; ampliar o tempo integral com qualidade; e monitorar resultados por escola, território, condição social e recorte étnico-racial. Ensino técnico é necessário, mas não deve excluir a aprendizagem básica. Prêmio por desempenho pode estimular, mas, isoladamente, não corrige desigualdades históricas.

Jeremy não deveria precisar da sorte de um convite para descobrir novas possibilidades. A verdadeira medida de uma política educacional é fazer da oportunidade uma regra, e não uma exceção. O local do nascimento ou a renda da família não podem determinar o acesso, o aprendizado e o desempenho na escola.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br

Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+

Mais artigos em
abcmajs.com/opiniao



Amanhecer
em Gramado...
Sempre lindo
Flávio Tietze
lvoti

Este artigo faz parte do projeto Conteúdos de Excelência, veiculado nos principais jornais do Rio Grande do Sul